

**A RECRIAÇÃO ALEMÃ DOS MITOS NÓRDICOS: GEDICHT EINES
SKALDEN (POEMA DE UM ESCALDO), DE HEINRICH WILHELM VON
GERSTENBERG, 1766.**

**THE GERMAN RECREATION OF NORSE MYTHS: GEDICHT EINES
SKALDEN (POEM OF A SKALD), BY HEINRICH WILHELM VON
GERSTENBERG, 1766.**

Álvaro Alfredo Bragança Júnior¹

Johnni Langer²

Resumo: O presente texto propõe uma tradução do poema *Gedicht eines Skalden*, de Heinrich Wilhelm von Gerstenberg, bem como de uma análise crítica de seu conteúdo temático. Procuramos demonstrar como o interesse dos intelectuais de origem dinamarquesa e alemã estiveram atrelados durante a segunda metade do Setecentos em referenciais estéticos e culturais, em torno da Mitologia Nórdica. Nosso principal referencial metodológico é o da recepção, especialmente as publicações de Margaret Clunies Ross.

Palavras-chave: Mitologia Nórdica; Recepção; Literatura alemã; Mundo nórdico.

Abstract: This text proposes a translation of the poem *Gedicht eines Skalden* by Heinrich Wilhelm von Gerstenberg, as well as a critical analysis of its thematic content. We seek to demonstrate how the interest of intellectuals of Danish and German origin during the second half of the 17th century was linked to aesthetic and cultural references surrounding Norse Mythology. Our main methodological framework is reception, especially the publications of Margaret Clunies Ross.

Key-words: Norse mythology; Reception; German literature; Nordic world.

¹ Professor Titular do Departamento de Letras Anglo-Germânicas, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Doutor em Letras Clássicas com Pós-Doutorado em História Medieval pela Ruhr-Universität-Bochum, Alemanha. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1768-4077> E-mail: alvabrag@letras.ufrj.br

² Professor Associado III da Universidade Federal da Paraíba. Doutor em História pela UFPR com Pós-Doutorado pela USP. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3010-24303> e-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

Introdução

Os mitos nórdicos nunca desapareceram por completo da Europa após o término do Medievo. Eles sobreviveram na obra de alguns poucos intelectuais, sendo bem pouco conhecidos pelas sociedades e cultura em geral. De modo pleno, a mitologia predileta pelos artistas e estudiosos era a clássica, especialmente durante e após o Humanismo Renascentista do século XVI. Foi com a publicação de uma obra em 1755, *Histoire de Dannemarc*, que a Europa se voltou para o mundo nórdico antigo. Esta obra foi escrita por Paul-Henri Mallet³ e subsidiada pelo governo dinamarquês, tornando-se não somente a moderna obra popularizadora dos deuses nórdicos⁴, mas também criando um referencial de unidade para um passado mítico dos *povos do Norte*.⁵ Aqui entramos num terreno fluido de interpretações, mas o Norte passa a ser uma grande categoria que vai muito além das terras escandinavas, também abrangendo as regiões germanófonas (algumas das quais constituirão a futura Alemanha unificada no Oitocentos), que faziam fronteira com a Dinamarca – a terra do livro de Mallet.

³ Paul-Henri Mallet (1730-1807) foi um historiador suíço, professor de literatura francesa em Copenhague entre 1752 e 1760. Sua *Histoire de Dannemarc* (1755), publicada em diversas edições, a mais recente em 1787-1788, em nove volumes, teve grande influência no conhecimento da história dinamarquesa e, especialmente, da Mitologia Nórdica no exterior. Pelo resto da vida, foi professor de história na universidade de sua cidade natal, Genebra (Posselt, 2020).

⁴ Este livro foi traduzido para o alemão em 1765 (um ano antes do poema *Gedicht eines Skalden* ser publicado); em inglês em 1770, em russo em 1785, polonês em 1807: Zernack, 2018, p. 282.

⁵ Na obra de Mallet, a Escandinávia surge como a forjadora das nações europeias, mesclando influências de Montesquieu, Olof Rundbeck e Jordanes (Zernack, 2018, p. 280). Ele denomina os seus antigos habitantes como “os antigos habitantes do Norte”, criando uma base antiquarista para os futuros ideais de panescandinavismo e nordicismo.



Figura 1: Ilustração retratando Heinrich Wilhelm von Gerstenberg executado por Karl Robert Schindelmayer em 1795. Fonte: Wikimedia, 2025. A ilustração insere a imagem de Gerstenberg em um bloco de heras, situado em uma lareira próxima a um bosque de coníferas: ela reflete o gosto setecentista pelo bucólico, pela estética pré-romântica das ruínas enquanto glória decadente da humanidade, influenciada pelo neoclassicismo de Giovanni Piranesi.

Essa é uma das principais chaves para se entender porque um alemão⁶, de forma precoce, cria um poema em sua língua dedicando-se ao tema da mitologia nórdica. Heinrich Wilhem von Gerstenberg nasceu em Hohn em 1737 (comarca de Tønder), que fazia fronteira com a região de Schleswig, que nesta época pertencia à Dinamarca (até 1864). Em 1765, já residindo em Copenhague, Gerstenberg tomou parte do círculo de intelectuais alemães desta cidade, no

⁶ A *Wikipedia* dinamarquesa e a alemã descrevem atualmente Gerstenberg como poeta alemão, apesar dele ter nascido em uma região originalmente dinamarquesa: https://da.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Wilhelm_von_Gerstenberg e https://de.wikipedia.org/wiki/Heinrich_Wilhelm_von_Gerstenberg. A *Enciclopédia Biográfica Dinamarquesa* utiliza apenas a sua descrição como escritor, de forma mais neutra: https://biografiskeksikon.lex.dk/H.W._Gerstenberg (Acessos em 28 de julho de 2025). Rossel e Paulli (2025) afirmam que Gerstenberg nunca dominou totalmente a língua dinamarquesa, ao contrário do alemão.

qual permaneceu por dez anos⁷. Depois, devido a problemas financeiros, fixou residência em Lübeck, situada no então Círculo da Baixa Saxônia (Sacro Império Romano-Germânico).

Gerstenberg é o intelectual conhecido por introduzir as divindades nórdicas na poesia alemã, sendo um pré-romântico. Seu interesse no tema foi despertado quando cursava o ensino médio em Altona⁸, por meio do então conhecido antiquarista Gottfried Schütze, durante os anos 1750. Mas certamente foi a tradução ao alemão de Mallet em 1765, que despertou a atenção de Gerstenberg para o mundo nórdico antigo, realizada por Johann Gottfried Herder.

Gerstenberg não conhecia muito o nórdico antigo, mas ele não confundiu as tradições celtas e nórdicas como era comum em sua época, chegando mesmo a não aceitar a autenticidade histórica de *Ossian*⁹, apesar de sua enorme influência estética. Outras obras que foram modelos literários para a composição de seu poema *Gedicht eines Skalden* foram *Antiquitatum Danicarum*, de Thomas Bartholin, 1689; *Et Hyrde-Stykke*, de Otto Friedrich Müller, 1760; *Den nye Edda eller Gylfes anden Reise*, de Jens Schielderup Sneedorff, 1764, além é claro, dos escritores medievais, especialmente Snorri Sturluson e Saxo Gramaticus (Rossel; Paulli, 2025).

⁷ O denominado *círculo de Klopstock* foi uma série de intelectuais que se reuniam em volta do escritor alemão Friedrich Gottlieb Klopstock (1724–1803), que viveu em Copenhague entre 1751 e 1771 com o apoio da corte dinamarquesa. Klopstock influenciou a poesia apaixonada, religiosa e subjetiva de vários autores, bem como inspirou temas da história nacional (Liam, 2018, p. 320).

⁸ Altona foi uma cidade portuária situada no norte da atual Alemanha, mas que foi controlada pela monarquia dinamarquesa de 1640 até 1864, sendo parte dos ducados de Schleswig e Holstein: Koefoed; Jensen, 2023, p. 249.

⁹ Ossian é o suposto autor e narrador dos poemas de base oral coletados em 1760 por James Macpherson, no livro *Fragments of ancient poetry, collected in the Highlands of Scotland, and translated from the Gaelic or Erse language*. Apesar de sua autenticidade ter sido questionada logo após a publicação, a obra influenciou diretamente o surgimento do Romantismo nacionalista e obteve muita popularidade até o início do século XIX. O movimento poético em língua alemã (que aos poucos transformou-se em gênero literário) que foi derivado da influência ossiânica foi denominado de *Bardengebrüll* (as canções bárdicas ou o bramido dos bárbaros) – elas evocam liricamente o passado germânico – e de que Gerstenberg foi um dos precursores. Esse movimento exortava uma ancestralidade poética comum indo dos escaldos nórdicos aos bardos da Suábia (Reiling, 2019, p. 20-21).



Figura 2: Johannes Wiedewelt, *Titelvignet til Snorre Sturleson* (udg. G. Schiøning): *Heimskringla*, Bd. I, 1778. Staten Museum for Kunst (KKSgb6819), acesso via SMK Open: <https://www.smk.dk/en/article/smk-open>, acesso em 10 de agosto de 2025. **Figura 3:** Johannes Wiedewelt, *En Skjoldmø*, 1780 (esboço para projeto de ópera, 1780), Københavns Bymuseum, fotografia de Johnni Langer (2025).

Duas ilustrações de Johannes Wiedewelt – o mais importante artista da Dinamarca no final do Setecentos. Apesar de sua carreira ser voltada essencialmente para temas classicistas¹⁰, estas duas obras já demonstram o interesse da elite intelectual de Copenhague – onde Gerstenberg esteve inserido de 1765 a 1775 – no mundo nórdico antigo. A primeira é uma imagem mesclando uma atmosfera barroca (as estátuas e lápides), temas clássicos (a deusa Niké ou Victoria, portando um instrumento de sopro) e temas nórdicos (um escudo e uma pedra rúnica). O conjunto possui uma mescla de tradições latinas (pela escrita e pela representação da deusa), unidos com as tradições nórdicas (as runas e a homenagem ao escritor Snorri Sturluson). Por sua vez, na representação de uma donzela do escudo (*Skjoldmø*, no dinamarquês contemporâneo), o artista tenta representar um modelo autenticamente nórdico, mas pela falta de maiores informações estéticas (e de cultura material) em sua época sobre a Escandinávia antiga, optou por realizar uma mulher portando uma espécie de ponta de dardo (ou faca), utilizando uma cota de malha e uma espada com cabo terminando em figuração animal (e que, assim como o seu elmo, são totalmente fantasiosos). Mas o resultado final desta segunda imagem acabou também recebendo uma ressignificação classicista: a sua guerreira tem um dos seios expostos – típico da representação de deusas e personagens femininos do mundo greco-romano (a exemplo de sua ilustração da deusa Niké/Victoria). Grande parte dos escritores e intelectuais do Iluminismo não tinha interesse em Mitologia Nórdica, preferindo tragédias francesas e obras greco-romanas traduzidas (Andersen, 2018, p. 334), explicando a atitude de Wiedewelt em fundir as duas tradições.

O poema *Gedicht eines Skalden* possui elementos de liberdade da sensualidade e estética do gênio criador, bem como uma subjetividade radical. Nele, a inspiração divina começa de

¹⁰ O classicismo setecentista, (também denominado de *Neoclassicismo*), foi um modismo cultural, estético e artístico que foi deflagrado na Europa essencialmente pelas descobertas modernas das ruínas antigas de Herculano e Pompéia na Itália, respectivamente a partir de 1710 e 1748 (Langer, 1999, p. 101).

forma ilusória e termina de forma melancólica. No eixo narrativo do poema, existe uma diferença fundamental entre passado e presente, entre racionalidade e sensualidade, todas superadas pela mitologia. O canto 5 é uma reinterpretação do Ragnarøk, no qual a proclamação da queda dos deuses acaba sendo uma profecia da ordem e da harmonia de uma única deidade. O novo conceito estético do sublime¹¹, neste poema, é derivado da imaginação e da subjetividade poética (Liamin, 2018, p. 320).

O cenário do poema é o norte da ilha da Zelândia, a maior da Dinamarca, onde se localiza a atual capital. Até a primeira metade do século XIX, o interior da Dinamarca (especialmente a península da Jutlândia) era desprezada por questões sociais e econômicas, sendo considerada uma região retrógrada, atrasada e insubmissa (Langer, 2024), explicando o motivo do escritor eleger a própria ilha da Zelândia para a espacialidade da narrativa.

O poema *Gedicht eines Skalden* de Gerstenberg influenciou a mais famosa obra artística de temática nórdica ao final do Setecentos, a ópera dinamarquesa *Balders død* (1775), de Johannes Ewald (Rossel; Paulli, 2025)¹², mas aos poucos foi sendo esquecida e mesmo negligenciada posteriormente por autores alemães mais famosos, como Goethe (Rossel; Pauli, 2025).

Tradução

<p>Heinrich Wilhelm von Gerstenberg: Gedichte. <i>Prosopopoema Thorlaugur Himintung des Skalden</i></p>	<p>Tradução: Álvaro Bragança (UFRJ) <i>Prosopopoema do escaldo Thorlaugur Himintung</i></p>
<p>Erster Gesang Ist Bragas Lied im Sternenklang,</p>	<p>Primeiro Canto É a canção de Brag ao som das estrelas,</p>

¹¹ O *sublime* foi uma nova estética do Setecentos que localizava a fonte do prazer não mais na ordem e na regularidade das formas e dos conteúdos, mas nas ideias encontradas no grandioso, no irregular, no grotesco, no bizarro e no chocante. Ele foi definido pelo filósofo escocês Edmund Burke, o qual contrastava o sublime com o belo. Poetas, escritores, artistas e acadêmicos que se voltaram para a Mitologia Nórdica e o estudo das sociedades antigas durante o século XVIII foram altamente influenciados pela estética do sublime (Ross, 2018, p. 268-269).

¹² Gerstenberg era amigo pessoal de Johannes Ewald (1743-1781), dramaturgo, salmista e poeta nacional dinamarquês (Andersen, 2018, p. 334).



Ists, Tochter Dvals, dein Weihgesang,
 Was rings die alte Nacht verjüngt?
 Auch mich – ach! meinen Staub
 durchdringt,
 Wie Blitze Thors, die Gruft enthölt,
 O Wonne! mich – mich neu beseelt?
 Aus rothen Wellen ströhmt das Licht;
 Ich aber, Heil mir! schlummre nicht,
 Heil mir Erwachten! bade ganz
 Den neuen Leib in Sonnenglanz,
 Schwimm in die leichtre Luft empor,
 Bin ganz Entzückung, bin ganz Ohr,
 Und walle trunken in der Fluth
 Der hohen Harmonie? –
 Wo ruht
 Mein schwebender Geist auf luftiger
 Höh?
 Wo über Berg und Thal und See
 Flattr ich und glüh im Silberton?
 Wohin, mein Geist, bist du entflohn?
 Wo badest du den Schwung so früh
 Im Urquell süßer Harmonie?
 Nicht so entfesselte einst Njord
 Den blanken Eisberg durch Accord:
 Der Fels, wo er die Hymne ergoß,
 Daß Nord-Sturm tonvoll ihn umfloß,
 Bebt' unter ihm, die Tiefe klang,
 Und Geister seufzten in seinen Gesang.
 Wo Mimers Haupt vom Hügel quoll,
 Hier ist Sigtuna, hier Valholl,

É, filha de Dval, teu canto sagrado,
 Que rejuvenesce ao envolver a velha
 noite?
 Também a mim – ach! penetra meu pó,
 Como o raio de Thor, que descortina o
 sepulcro,
 Óh, encanto! que a – mim – me inspira de
 forma renovada?
 De rubras ondas escorre a luz;
 Eu, porém, vivas a mim! não cochilo,
 Vivas a mim, desperto! banho todo
 O meu novo corpo no brilho do sol,
 Adrento a nado o leve ar,
 Totalmente em júbilo, sou todo ouvidos
 E ondulo enebriado na maré da elevada
 harmonia? –
 Onde repousa meu espírito flutuante
 sobre as arejadas alturas?
 Onde por sobre montanhas e vales e lagos
 Esvoaço e reluzo em um tom argênteo?
 Para onde, meu espírito, fugiste?
 Onde banhas o ímpeto tão cedo
 No manancial da doce harmonia?
 Não assim outrora Njord
 Soltou o teso iceberg usando uma corda:
 O rochedo, onde ele proferiu o hino,
 De forma que a tormenta do norte com
 forte ressonância fluiu ao seu redor,
 Tremeu embaixo dele, as profundezas
 ressoaram,



Hier Glasurs Dunkel, hier der Kranz,
 Der mit der Wipfel heiligem Glanz
 Herab aus Wolken, die er stützt,
 Die goldnen Schilder überblitzt.
 Ich sehe Fansal – Schaur umfaßt
 Und stille Würde den Palast;
 Ich sehe Gladheims Freuden-Saal,
 Gehüllt in seines Goldes Strahl:
 Von seiner Zinne bebt der Blick,
 Zu stumpf, ihn anzuschauen, zurück.
 Wer schreitet königlich daher
 In Vingolfs Hayn, am sanftern Meer?
 Laß mich, du Majestät im Hayn,
 Auf deinen Fußtritt Blumen streun!
 Du König, Vater, Friedensheld,
 Du Lust des Himmels und der Welt!
 Laß mich die Stunde weihen, da
 Ich deinen Tritt, Alfadur, sah!
 Hier, wie in Asgaards Valaskialf
 Umringt von Disen oder Alf,
 Den Zepter Hlidskialfs in der Hand,
 Im Helm, im purpurnen Gewand,
 Stets Freund der Menschen, dort wie hier,
 Bist du geweiht, und glorreich, mir!

E espíritos suspiraram em seu canto.
 Onde da fonte de Mimir inchou,
 Aqui está Sigtuna, aqui o Valhala,
 Aqui a escuridão de Glasir, aqui a coroa,
 A qual com o sagrado brilho do topo
 Descendo das nuvens, as quais ele
 sustenta,
 Refulge intensamente os dourados
 escudos.
 Eu vejo Fensalir, o palácio – envolto pela
 chuva e a tranquila dignidade;
 Eu vejo o salão da alegria de Gladsheim,
 Coberto por seu feixe de ouro:
 De suas ameias treme de volta o olhar,
 Demasiado obtuso para lhe contemplar.
 Quem de forma régia caminha por
 conseguinte
 Para o bosque de Vingolf, à beira do calmo
 mar?
 Deixe-me, tu, ó majestade no bosque,
 Espalhar flores sobre teus passos!
 Tu, ó Rei, Pai, Herói da Paz,
 Tú, ó prazer do céu e do mundo!
 Deixe-me consagrar a hora, quando
 Vi teu passo, Alfadur!
 Aqui, como no Valaskialf de Asgard,
 Rodeado por valquírias ou elfos,
 O cetro de Hlidskialf na mão,
 Com o elmo, em traje purpúreo,



	<p>Contínuo amigo dos homens, lá como aqui, És consagrado, e glorioso, para mim!</p>
<p>Prosopopoema Thorlaugur Himintung des Skalden</p>	<p>Prosopopoema do escaldo Thorlaugur Himintung Tradução: Álvaro Bragança (UFRJ)</p>
<p>Zweyter Gesang</p> <p>Stiller wird das Meer Der Entzückung um mich her. Weh mir! auf welcher Stätte ruht Mein blutbetriefter Fuß? Welch feierliches Graun Steigt langsam über diese Hügel Wie im Nachtgewölk Neugeschiedner Seelen auf? -</p> <p>Ach hier! - hier? - Ach, Halvard! Wie manch geflügeltes Aeon Ist von der Nornen Stunden-Thron, Seit ich dieß Grab gebaut, entflohn! - Ruht hier die Urne, mein Halvard, Hier, bester Freund, dein edler Staub? - Mir schwindelt! durch Jahrhunderte Blick ich, durch trübe ferne Nebel Hoch übern Horizont, ins Grab, Auf unsrer Freundschaft Maal herab! Lernts, Gotlands Söhne! Wenn der Stein Der Hügel schweigt, wenn seine Runen Verloschen sind, kein Trümmer mehr,</p>	<p>Segundo Canto</p> <p>Mais calmo torna-se o mar De êxtase ao meu redor. Ai de mim! Sobre que lugar repousa Meu pé manchado de sangue? Que solene horror Se ergue lentamente sobre estas colinas Como em nuvens noturnas De almas recém separadas?</p> <p>Ah, aqui! - aqui? - Ah, Halvard! Quantos éons alados Fugiram do trono cronológico das Nornas, Desde que construí esta tumba! - A urna repousa aqui, meu Halvard? Aqui, melhor amigo, teu nobre pó? - Estou tonto! Através dos séculos Eu contemplo, através de distante e turva névoa No alto acima do horizonte, dentro do túmulo, A lembrança de nossa amizade!</p>



Kein Brand-Altar der Freundschaft zeugt:

-

O! lernts durch ewigen Gesang,
 Und flammet neuen Opferdank
 Vom rauhen hüglichten Altar,
 Der euren Vätern heilig war.
 Im Schatten dieses Eichenhayns,
 Hier wars, von hoher Flamme warm,
 Wo ich, Halvard, in deinem Arm
 Den großen Todesbund beschwur.
 Still war die Luft, in Majestät
 Lag die Natur zu Vidris Füßen;
 Die stolzesten der Wipfel rauschten,
 Und leise Bäche murmelten.
 Unsichtbar wandelten um uns
 Zween Alfen, von Odin gesandt.
 Wo über buntbeblühten Rasen
 Der See vom Hauch der Luft bewegt,
 Crystallne Wellen von sich jät,
 Sahn wir, mit süßem Duft beladen,
 Die Göttinn Blakullur sich baden.
 Vom Hügel braust im Bogenschuß
 Ein breiter Quell, schwillt auf zum
 breitem Fluß,
 Springt donnernd über jähe Spitzen,
 Und diamantne Tropfen blitzen,
 Im Lichtstrahl und im Silberschein
 Erzitternd, durch das Laub im Hayn:
 Indeß die Wellen schmeichlerisch sich
 regen,

Aprendeí, filhos de Gotland! Quando a
 pedra

Das colinas estiver silenciosa, quando
 suas runas

Forem apagadas, não mais ruínas,
 Nenhum chamegante altar da amizade
 testemunhar: -

Oh! Aprendeí através da canção eterna,
 E deem ao fogo um novo agradecimento
 sacrificial

Do rústico e escarpado altar,

Que era sagrado para vossos pais.

À sombra deste bosque de carvalhos,
 Aqui estava, aquecido por chamas altas,

Onde eu, Halvard, em teus braços,

Jurei o grande pacto de morte.

Parado estava o ar, majestosa

Jazia a natureza aos pés de Vidri;

As mais altivas copas das árvores
 farfalhavam,

E silenciosos riachos murmuravam.

Invisivelmente ao nosso redor vagavam

Dois elfos, enviados por Odin.

Onde, sobre gramados de coloridas flores,

O lago, agitado pelo sopro do ar,

Afasta de si ondas cristalinas,

Vimos, carregada de doce fragrância,

A deusa Blakullur a banhar-se.

Da colina ruge como um tiro de arco



Ihr Bild in die glanzvolle Luft zu prägen.
 Die Göttinn sah ihr himmlisch Bild,
 Wie es die Wasser-Szene füllt;
 Bescheiden schlüpfte sie zur Tiefe nieder:
 Allein das Ebenmaaß der weißen Glieder
 Strahlt durch die heitre Fläche wieder.
 Es scherzt um ihren Hals ihr blondes
 Haar,
 Verbirgt ihn halb, stellt halb entblößt ihn
 dar.
 Die seidnen Locken spielen mit den
 Lüften,
 Und thauen dann herab auf Marmor-
 Hüften.
 Die Wangen blühn in seelenvollrer Glut;
 Die runden Arme rudern durch die Fluth;
 Die kleinen Füße rudern, sanft gebogen,
 Der volle Busen wallt auf zarten Wogen.
 Die sternenvolle Nacht umschwebet sie,
 Die Flur ist Duft, der Wald ist Melodie.
 Sieh den gelindern West ihr Haar
 umfließen!
 O sieh den hellern Mond zu ihren Füßen!
 –
 Wir sahn das Wunder, staunen, beten an!
 –
 Schnell hören wir aus einem Zauberkahn
 Fremde Spiele der Saiten
 Mystische Lieder begleiten.
 Stillschweigend horchen wir;

Uma ampla fonte, avolumando-se em um
 rio mais largo,
 Lança-se trovejando sobre picos
 íngremes,
 E gotas de diamante brilham,
 No feixe de luz e no brilho prateado,
 Tremendo através das folhas no bosque:
 Enquanto as ondas se agitam
 lisonjeiramente,
 Para cunhar sua imagem no ar brilhante.
 A deusa viu sua imagem celestial,
 Como esta preenche a cena aquática;
 Modestamente, ela deslizou para as
 profundezas:
 Apenas a simetria dos alvos membros
 Irradia-se novamente através da leda
 superfície.
 Seus loiros cabelos brincam em volta de
 seu pescoço,
 Meio escondendo-o, meio revelando-o.
 Os sedosos cachos brincam com a brisa,
 E então fundem-se em quadris de
 mármore.
 As faces florescem com sensível ardor;
 Os braços redondos remam através da
 correnteza;
 Seus pequenos pés remam, suavemente
 curvados,
 Seu farto busto ondula em ondas suaves.
 A noite estrelada paira ao seu redor,



die Saite klingt;

Die himmlische verborgne Stimme singt:

»Beglückt! beglückt! Drey mal beglückt!

Den Hiorthrimul angeblickt!

Beglückt! beglückt! beglückt!

Wer in die Freuden der Götter entrückt

Am Busen seines Freundes stirbt,

Ihm reichen Hrist,

Und Skogula und Mist,

Und Hilda und Hertruda,

Und Hloka und Herfiudra,

Gaull, Geira, Radgrida,

Hod, Reginleif, Rangrida,

Und alle Valkyriur in Valholl

Einherium Ol.

Laßt uns spinnen, laßt uns spinnen

Den Faden Thorlaug und Halvard!

Laßt ihn in Nebel zerrinnen,

Den Leib, der Einherium ward!«

Der Schauer der Begeisterung

Ergriff mein schwellendes Herz! Ich

schlung

Den Arm um meinen Freund, und

schwur

Meines Freundes Tod zu sterben!

Da jauchzten die Valkyriur!

Da hub mein Freund den Arm, und

schwur

Den blanken Schild zu färben,

Und meinen Tod zu sterben!

O campo é fragrância, a floresta é
melodia.

Vê o ameno vento oeste volteando seus
cabelos!

Oh, vê a lua brilhante a seus pés! –

Vimos o milagre, maravilhamo-nos e
adoramos! –

Rapidamente ouvimos de um barco
mágico

Cordas estranhas a tocar

Canções místicas a acompanhar.

Escutamos em silêncio;

a corda soa;

A voz celestial e oculta canta:

"Abençoado! Abençoado! Três vezes
abençoado!

Tendo contemplado Hiorthrimul!

Abençoado! Abençoado! Abençoado!

Aquele que, arrebatado para as alegrias
dos deuses,

Morre no seio de seu amigo,

A ele oferecerão Hrist,

E Skogula e Mist,

E Hilda e Hertruda,

E Hloka e Herfiudra,

Gaull, Geira, Radgrida,

Hod, Reginleif, Rangrida,

E todas as Valquírias em Valhalla

A cerveja dos heróis.

Fiemos, fiemos



<p>Da jauchzten die Valkyriur!</p>	<p>O fio de Thorlaug e Halvard! Que ele se dissolva em névoa, O corpo que se tornou Einherium!« O tremor do entusiasmo Apoderou-se de meu dilatado coração! Joguei Meu braço em volta do meu amigo e jurei Morrer pela morte do meu amigo! Então jubilaram-se as Valquírias! Então meu amigo levantou o braço e jurou Pintar o polido escudo E morrer por mim! Então jubilaram-se as Valquírias!</p>
<p>Prosopopoema Thorlaugur Himintung des Skalden</p>	<p>Prosopopoema do escaldo Thorlaugur Himintung Tradução: Álvaro Bragança (UFRJ)</p>
<p>Dritter Gesang Schon schnitt aufs neu der Sonnenführer Den Zwischenraum der Endlichkeit Drey Jahre bis zur Dämmerung Der Götter ab, seit mein Halvard Vom Waffenblitz aus meinem Arm Weit nach Britannien hinweg Gewinkt, nach seiner Gegenwart Mich Schwermuthsvollen schmachten ließ. Einst, da ich einsam und verlassen, Wo ihn die Barke von mir stieß, Am Ufer irrt, und jeden Hauch</p>	<p>Terceiro Canto O Guia Solar já cortou mais uma vez O intervalo da finitude Três anos até o crepúsculo Dos deuses, desde que meu Halvard Com o movimento rápido do meu braço Acenou de longe na Britânia E por sua presença Deixou-me a ansiar em total melancolia. Uma vez, quando eu estava solitário e abandonado, Onde o barco o empurrara para longe de mim,</p>



Der Luft, der nach der Küste blies,
 Mit meinen Seufzern flügelte:
 Trat ein mir fremder kühner Mann
 Mit wildem Schritt zu mir heran.
 »Gieb mir die Goldharf! rief er stolz,
 Die dir Halvard zum Denkmaal ließ;
 Er gab sie dir, er nahm sie mir.
 Du überträfst mich nicht in Liedern,
 Wär nicht der Raub des Frevlers dein!
 Gieb mir die Goldharf, sie ist mein!« -
 »Nicht so! sprach ich mit ernster Stirn,
 Was mir mein Freund geschenkt, war
 sein,
 Ist itzt mein Stolz, mein Schmuck, mein
 Ruhm,
 Und wird dereinst mein Nachruhm seyn.
 O glaube mir, nicht der Besitz
 Der Goldharf ists, der Dichter macht.
 Erhebe dich, entzünde deinen Witz
 Mit Bragurs edler Glut,
 Fach auf dein träges Blut
 Streb' himmelan zu dringen,
 So wirst du besser singen!«
 Zur Wuth erhitzt und Funken sprühend
 Aus rothem Auge fordert er
 Zum Kampf des kurzen Speers mich auf:
 »Da soll, sprach er, der Rächer Frö
 Mit warmem Blut die Wahrheit rächen.«
 »Da mag, sprach ich, Frö, der Gerechte,

Vagueei pela praia, e cada bafejo
 Do ar que soprava em direção à praia
 Esvoaçava com meus com meus suspiros,
 Apareceu-me um estranho e ousado
 homem.
 Com passos desvairados, ele aproximou-
 se de mim.
 "Dê-me a harpa de ouro!" gritou ele
 orgulhosamente,
 Que Halvard lhe deixara como um
 memorial;
 Ele a deu a ti, ele a tirou de mim.
 Tu não me superarias em canto,
 Se o roubo daquele ímpio não fosse teu!
 Dê-me a harpa de ouro, ela é minha!" -
 "Não é assim!" Eu disse com a testa séria,
 O que meu amigo me deu era dele,
 agora é meu orgulho, meu adorno, minha
 glória,
 E um dia será meu legado.
 Oh, acredite em mim, não é a posse
 Da harpa de ouro que faz um poeta.
 Levanta-te, inflama tua sagacidade
 com o nobre ardor de Bragur,
 Revigora teu inerte sangue
 Esforça-te para alcançares o céu,
 então tu cantarás melhor!"
 Aquecido pela fúria e faiscando,
 Com seu olho vermelho, ele me chama
 para a luta com a lança curta:



Die Wahrheit schützen, und mich
rächen.«
Der neugebohrne Tag entschlüpft dem
Meer,
Sträubigt rauscht von oben her
Der Hahn Valholls, und kräht
Sein kriegrish Lied, und hebt den
goldnen Kamm!
Aus Heliars Palast tönt ihm
Der Erde Hahngeschrey entgegen!
»Auf! auf! zum Kampf aus später Ruh!«
Ruft Gotlands Helden-Jugend uns zu.
Schon treten wir mit Helmen angethan
Auf die blutlehzende Todesbahn;
Schon schließt sich um uns her die Schaar
Der Richter, die durch weißes Haar
Und langen Bart ehrwürdig war!
Schon blinkt der Geir im Sonnenstrahl!
Schon strömt die Purpur-Wunde!
Schon öffnen Endils Wölfe
Auf meinen Feind den giergen Schlund!
Ach mir Unglücklichen! Da schlüpft
Die Ferse mir im schwarzen Blut!
Da stürz ich hin, und über mich
Mein sterbender Feind! –
Schmach, Wuth und Scham
Begrub mich noch im Todes-Schlummer,
Als mich ein jammernd Klaggeschrey
Vom Oceane her erweckt.
Ich seh, ich seh! – o Schauer! o Entsetzen!

"Então", disse ele, "o vingador Frö vingará
a verdade com sangue quente."
"Então", eu disse, Frö, o justo,
poderá proteger a verdade e me vingar."
O dia recém-nascido escapa do mar.
Relutante, o galo de Valhala farfalha lá de
cima, cantando
Sua canção guerreira e ergue sua crista
dourada!
Do palácio de Heliar, o grito do galo
terreno ressoa para ele!
"Vamos! Vamos! De um tardio descanso
para a luta!"
A juventude heroica de Gotland nos
chama.
Já pisamos, portando elmos,
Sobre o caminho sanguíneo da morte;
Já se fecha ao nosso redor o grupo
De juizes, veneráveis com cabelos brancos
e barba longa!
O Geir já brilha ao raio de sol!
A ferida púrpura já jorra!
Os lobos de Endil já abrem suas
mandíbulas vorazes sobre meu inimigo!
Ah, infeliz de mim! Então escorrega
Meu calcanhar no sangue negro!
Lá eu caio, e acima de mim
Meu inimigo moribundo!
Desonra, raiva e vergonha
Enterravam-me ainda no sono da morte,



Ach, warum lebt ich, es zu sehn? –
 Ich sehe meinen Freund, den besten
 Der Menschen, meinen treuen Halvard,
 Der Freundschaft Urbild, itzt des Todes
 Bild,
 Im Schleyer der ewgen Nacht gehüllt.
 Zu meinen Füßen lag er, seufzte noch,
 Und hob die schwere Brust – Ihn hatte
 Sein eignes Schwert, zu eingedenk
 Des hohen Schwurs, gestürzt, da er
 Mich fallen sah – Ach! wehe, wehe, mir!
 Warum mußst ihn ein falscher Anblick
 trügen?
 Warum sein erster Anblick seines
 Freunds?
 Nicht darum war er, nach drey langen
 Jahren,
 Dem Busen seines Thorlaugs zugeeilt! –
 Ich warf verzweiflungsvoll
 Auf seinen Leib mich hin, verbarg
 Mein Angesicht in seine Brust, und
 schluchzte!
 »Ach nein, Halvard, du bist nicht todt?
 Nein! bey den Göttern, nein! du
 schlummerst nur!
 Es ist ein dichter Schlaf, der dich
 erquickt!«
 Umsonst! umsonst! Die lange Nacht
 Versiegelte sein Helden-Auge!
 Er war auf Ewig mir entschlummert!

Quando um grito lamentoso
 Do oceano me acordou.
 Eu vejo, eu vejo! – Ó horror! Ó pavor!
 Ai, por que vivi para ver isso? –
 Eu vejo meu amigo, o melhor
 Dos homens, meu fiel Halvard,
 O arquétipo da amizade, agora a imagem
 da morte,
 Envolto no véu da noite eterna.
 Aos meus pés ele jazia, ainda suspirando,
 E erguendo o peito pesado – Sua própria
 Espada o derrubara, plenamente
 consciente
 De seu alto juramento, quando
 Me viu cair – Ah! Ai, ai de mim!
 Por que uma falsa visão teve que enganá-
 lo?
 Por que a primeira visão do amigo?
 Não foi por esta razão que, depois de três
 longos anos,
 Ele se apressara ao seio de seu Thorlaug!
 – Joguei-me em desespero
 Sobre seu corpo, escondi
 Meu rosto em seu peito e soluzei!
 "Ah, não, Halvard, tu não estás morto?
 Não! Pelos deuses, não! Tu estás apenas
 dormindo!
 É um sono profundo que te revigora!"
 Em vão! Em vão! A longa noite
 selou seus olhos heroicos!



Man riß mich grausam aus des Todten
 Arm.
 Mit wildem und gebrochnem Blick schaut
 ich
 Zum Himmel! Da ermannt ich mich,
 Und sprach: Ich will dem theuren Mörder
 Ein Grabmaal baun, und seinem Hügel
 nah
 Ein Brand-Altar erbaun, zur Ehre
 Der Freundschaft! des Unsterblichen!
 Ich thats; mein letztes Opfer flammte
 Durch Wolken auf; ich schwung drey mal
 Mein Schwert, durchstieß mein brechend
 Herz,
 Und sank vergnügt auf seinen Holzstoß
 nieder.
 Die Schaar der Staunenden ließ meine
 Glieder
 Zur Asche glühn, und senkte dann,
 Dem Hügel meines Friends zur Seite,
 Des Staubes Urn in diese Gruft,
 Der sie dieß zweyte Denkmaal weihte,
 Das freundschaftlich im heiligen Schatten
 Dem Wandrer süße Schwermuth winkt,
 Und zur Begeistrung ihn erhebt,
 Mein banger ahnungsvoller Geist
 Hielt bey dem frommen Schauspiel sich
 Nicht auf, und flatterte verfinstert
 Durchs unbegränzte Leere
 Dem Schatten des Geliebten nach.

Ele serena e eternamente adormecera
 para mim!
 Arrancaram-me cruelmente dos braços do
 morto.
 Com um olhar selvagem e quebrado olhei
 Para o céu! Então, criei coragem
 E disse: construirei um túmulo para meu
 caro assassino, e perto de sua colina
 erguerei um altar chamejante, em
 homenagem
 À amizade! Ao imortal!
 Eu o fiz; meu sacrifício final flamejou
 Através das nuvens; brandi minha espada
 três vezes, perfurei meu coração partido
 E, feliz, deixei-me cair em sua pilha de
 lenha.
 A multidão de pessoas atônitas deixou
 meus membros serem reduzidos à cinzas
 e então baixou,
 Ao lado do túmulo do meu amigo,
 A urna com o pó nesta cripta,
 A quem dedicaram este segundo
 monumento,
 Que, em sua sombra sagrada,
 amigavelmente acena com doce
 melancolia para o viajante
 E o eleva ao entusiasmo.
 Meu espírito ansioso e antecipador
 Não se demorou diante do espetáculo
 piedoso,



	E flutuou, escurecido, Através do vazio sem limites, seguindo a sombra do meu amigo.
Prosopopoema Thorlaugur Himintung des Skalden	Prosopopoema do escaldo Thorlaugur Himintung Tradução: Álvaro Bragança (UFRJ)
Vierter Gesang Und doch – leichtgläubiges Gefühl! – Ist alles dieß mehr als ein Gaukelspiel? Kann dieß die Stätte seyn, wo wir Ins Thal des Schweigens flohn? Kaum glaub ich dir! Wie reizend, wie bezaubernd lacht Die heitre Gegend! wie voll sanfter Pracht! In schöner Majestät, in reiferm Strahle Glänzt diese Sonne! Milder fließt vom Thale Mir fremder Blüten Frühlings-Duft; Und Balsamgeister strömen durch die Luft, Unübersehlich malt die Blumen-Flur Sich meinem Aug, und die Natur Ist rings umher ein Garten! – Welcher Gott Schmiegt eine Wildniß unter das Gebot Der Schönheit, Ordnung, Fruchtbarkeit? Wer ists, der Wüsteneyn gebeut,	Quarto Canto E, no entanto – sentimento ingênuo! – Será tudo isso mais do que um truque? Será este o lugar, onde Voamos para o vale do silêncio? Mal acredito Em ti! Quão encantadora, quão fascinante ri A serena região! Quão cheia de suave esplendor! Em majestade mais bela, em raios mais maduros, Este sol brilha! Mais suavemente flui do vale o primaveril perfume de desconhecidas flores; E espíritos balsâmicos fluem pelo ar, O florido prado pinta-se inconfundivelmente Aos meus olhos, e a natureza É por toda a parte um jardim! – Que deus Forja um deserto sob o mandamento Da beleza, da ordem e da fertilidade? Quem é que ordena aos desertos



Sich in entfernter Sonnen Glut zu tauchen,
 Und unbekannte Spezereyn zu hauchen?
 –
 Ha! nicht also, im festlichen Gewand,
 Grüßt ich dich einst, mein mütterliches Land!
 Unfreundlich, ungeschmückt, und rauh und wüste,
 Im trüben Dunkel schauerte die Küste;
 Kein Himmel leuchtete mild durch den Hayn;
 Kein Tag der Aehren lud zu Freuden ein;
 In Hölen lauschte Graun und Meuterey,
 Und was am Ufer scholl, war Kriegsgeschrey.
 Das Weib der Ehe trat mit Helm und Speer,
 Und neben ihr, von blutger Rüstung schwer,
 Die blühnde Tochter fürchterlich einher –
 O wie weit anmuthsvoller schreitet,
 Von acht geliebten Kindern hold begleitet,
 Dort jene Mutter durch den Schattengang,
 In dessen Hecken friedlicher Gesang
 Ertönt, wo goldnes Obst um sie entsprang!
 Auf Rasen hingelehnt, im Auge Himmel,
 Erwartet das weithallende Gewimmel

Que se imerjam no brilho distante do sol,
 E respirem especiarias desconhecidas? –
 Ah! Não é, portanto, em trajes festivos,
 Que eu te cumprimentei uma vez, minha terra materna!
 Hostil, sem adornos, áspera e desolada,
 Na turva escuridão a costa estremecia;
 Nenhum céu brilhava suavemente através do feno;
 Nenhum dia de espigas convidava à alegria;
 Em cavernas, terror e motim espreitavam,
 E o que ecoava na costa era um grito de guerra.
 A esposa do casamento avançou com elmo e lança,
 E ao seu lado, pesada com a armadura ensanguentada,
 A filha em flor caminhava temerosa –
 Oh, quão mais graciosamente ela caminha,
 Graciosamente acompanhada por oito filhos amados,
 Lá, aquela mãe, pelo caminho sombrio,
 Em cujas sebes a canção pacífica
 Ressoa, onde frutos dourados brotavam ao seu redor!
 Apoiada na grama, com o céu à vista,
 Aguarda a multidão retumbante
 O pai alegre, que com mão vivaz



<p>Der frohe Vater, der mit reger Hand In die veredelte Natur entbrannt, Die mächtge Feuerharfe schlägt, Daß ihren Schall der Hügel und das Meer Und näher wallender Wolken Heer Empor zum Tanz der Sphären trägt! Daß sie den Staub der Urn erregt, Und Geister-Welten um sich her bewegt! Auch mich! auch mich! – »Es horchten auf die Lieder Die Kinder Korah, Assaph stand, Und staunt', und warf den Psalter nieder, Den hohen Psalter, und empfand!« – Wer ist der Gott, den deine Saite singt? Wer, dessen Schaur mich Bebenden durchdringt! »Er misst die Himmel, stillt die Meere! Gericht und Recht ist um ihn her! Er ist der Herr! der Gott der Heere! Er ist! – Wo ist ein Gott, wie er?«</p>	<p>Irrompeu na natureza enobrecida, Bate a poderosa harpa de fogo, Para que seu som possa ser levado às colinas e ao mar E à hoste de nuvens ondulantes mais próximas Para o alto, à dança das esferas! Para que possa agitar a poeira da urna, E mover os mundos espirituais ao seu redor! A mim também! A mim também! – "Os filhos de Corá ouviram as canções Assaph levantou-se, E maravilhou-se, e derrubou o saltério, O saltério alto, e sentiu!" – Quem é o deus a quem sua corda canta? Quem, cujo temor trespassa, estremecendo-me! "Ele mede os céus, acalma os mares! Julgamento e justiça o cercam! Ele é o Senhor! O Deus dos Exércitos! Ele é! – Onde há um Deus como ele?"</p>
<p>Prosopopoema Thorlaugur Himintung des Skalden</p>	<p>Prosopopoema do escaldo Thorlaugur Himintung Tradução: Álvaro Bragança (UFRJ)</p>
<p>Fünfter Gesang Sie sind gefallen, die Götter, gefallen! Laßt Erd und Himmel wiederhallen! Sie sind gefallen! gefallen! gefallen! Hrymur fuhr, auf sieben Donner-Wagen</p>	<p>Quinto Canto Eles caíram, os deuses, caíram! Que a terra e o céu ecoem! Eles caíram! Caíram! Caíram!</p>



Vom Aufgang herunter getragen!
 Da wälzte sich der Ocean!
 Da wälzte Jormungandur in Blut
 Mit schreckenvoller Wuth
 Sich auf der Wogen schäumender Bahn!
 Der Adler tönt', und zerriß die Leiche!
 Und Naglfahr scheitert, das Gebäu der
 Eiche!
 Woher der Untergang der Asen?
 Wer hat die Alfen wie Spreu
 hinweggeblasen?
 Vom Krachen heult die Riesenwelt!
 Des Himmels Trümmer sind ein
 Waffenfeld!
 Die Zwerge seufzen vor den Thoren,
 In zähneklappernde Schrecken verlohren!
 Das Sonnenschwert des Rächers blitzt
 Auf Riesenweiber, die im Fliehn
 Sich hinter einer Wolke Ruin
 Vergebens, vergebens geschützt!
 Da wankte, da erzitterte Hlin,
 Und rang die Hände noch einmal!
 Vergebens verletzt der Sohn des Odin
 Das Ungeheuer mit tiefendem Stahl!
 Vergebens würgt auf seinem Riesengange
 Der Helden-Same des Hlodin
 Den Zwillingswolf, und die Midgardische
 Schlange!
 Sie alle, die Götter, die Helden, sie alle
 Sind hingegossen dem Falle

Hrymur cavalgou, em sete carruagens
 trovejantes,
 Levados do leste!
 Então o oceano se agitou!
 Então Jormungandur revirou-se em
 sangue,
 Com terrível fúria,
 No curso espumante das ondas!
 A águia gritou e despedaçou o cadáver!
 E Naglfahr naufraga, a estrutura de
 carvalho!
 De onde vem a queda dos Aesir?
 Quem soprou os elfos para longe como
 palha?
 Com o estrondo uiva o mundo dos
 gigantes!
 As ruínas do céu são um campo de
 armas!
 Os anões suspiram diante dos portões,
 Perdidos em terror de ranger os dentes!
 A espada solar do vingador cintila
 Sobre as gigantas em fuga
 Atrás da ruína de uma nuvem
 Em vão, em vão protegidas!
 Então Hlin cambaleou, tremeu,
 E torceu as mãos mais uma vez!
 Em vão o filho de Odin feriu
 O monstro com aço gotejante!
 Em vão a semente heroica de Hlodin
 engasgou com seu passo gigante



Furchtbar billt aus dampfender Grotte
 Mit weit geöffnetem Schlund
 Hinter dem fallenden Gotte
 Garm der Höllenhund!
 Mit schwarzem Antlitz entsteigt die
 Sonne dem Dunkeln,
 Und Sterne hören auf zu funkeln!
 Da wüten Meere, flammende Berge
 wüten,
 Wo ihre Fackeln glühten! –
 In neue Gegenden entrückt
 Schaut mein begeistertes Aug umher –
 erblickt
 Den Abglanz höherer Gottheit, ihre Welt,
 Und diese Himmel, ihr Gezelt!
 Mein schwacher Geist, in Staub gebeugt,
 Faßt ihre Wunder nicht, und schweigt.

O lobo gêmeo e a serpente de Midgard!
 Todos eles, os deuses, os heróis, todos
 eles
 São lançados à queda
 Assustadoramente uiva da gruta
 fumegante
 Com a goela escancarada
 Atrás do deus em queda
 Garm, o cão do inferno!
 Com o rosto negro, o sol nasce da
 escuridão,
 E as estrelas cessam de cintilar!
 Então se enfurecem os mares, as
 montanhas flamejantes se enfurecem,
 Onde suas tochas brilhavam! –
 Levado para novas regiões,
 Meu olho encantado olha ao redor –
 contempla
 O reflexo da divindade superior, seu
 mundo,
 E estes céus, sua tenda!
 Meu espírito fraco, curvado no pó,
 Não compreende suas maravilhas e cala-
 se.



<p><i>Erläuterung der Eddensprache und der Anspielungen in diesem Gedichte</i></p>	<p><i>Explicação sobre a linguagem das Eddas e das alusões neste poema</i></p>
<p><i>Himintung</i> <i>Braga oder Bragur, der Gott der Dichtkunst.</i> - <i>Dvals oder Dvalens Töchter, Parzen, die die Geburt der Kinder weihten.</i> - <i>Thor oder Hlodin, der Donner-Gott.</i> - <i>Njord, ein Riese oder Halbgott, den die Edda als einen Dichter anführt.</i> - <i>Mimers Haupt, eine Quelle, die Odin um Rath fragt – eine Quelle auf einem angenehmen Hügel bey Sandholm, die auch im zweyten Gesange in der Bestimmung einer Cascade vorkömmt.</i> - <i>Sigtuna, die Residenz des Odin.</i> <i>Valholl oder Valhalla, der Himmel des alten Nordens.</i> - <i>Glasure, ein geheiligter Wald, der die Vorhöfe des Himmels umgab, und dessen goldne Zweige von dem Vorhofe Sigtur an bis auf den mit goldnen Schilden bedeckten Götterpalast (Glitner) reichten.</i> - <i>Fansal, Palast der Mutter der Götter. (Hirschholm, ein Lustschloß.)</i> - <i>Gladheim, Palast der Freude, der durch seine goldnen Säle bekannt ist. (Friedrichsburg.)</i> - <i>Vingolf, Palast der Freundschaft und des Friedens. (Friedensburg, der Sommeraufenthalt K. Friedrichs des V.)</i> - <i>Alfadur, der allgemeine Vater, die erhabenste Vorstellung, die man sich von einem gütigen Wesen macht.</i> - <i>Asgaard, die Residenz der Götter oder Asen.</i> - <i>Valaskialf, der Palast dieser Residenz.</i> - <i>Disen, rächerische Gottheiten, die auch unter dem Namen der Nornen (Parzen) und Valkyriur vorkommen; die Namen der letztern, wie fern sie den Halbgöttern in Valholl aufwarten, sind im Liede des zweyten Gesanges angeführt.</i> - <i>Hiorthrimul, eine Todes-Parze.</i> - <i>Alfen, Schutzgeister.</i> - <i>Hlidskialfs Zepher, der Zepher des obersten Throns.</i></p>	<p>Em alemão Himmelzunge, “língua celestial” Braga ou Bragur, o deus da poesia. - Dvats ou Filhas de Dvat, Parcas, que consagraram o nascimento dos filhos. - Thor ou Hlodin, o deus do trovão. - Njörd, um gigante ou semideus, que a Edda lista como poeta. - A cabeça de Mimir, uma nascente a quem Odin pede conselhos - uma nascente numa agradável colina perto de Sandholm, que também aparece no segundo canto na definição de uma cascata. - Sigtuna, a residência de Odin. - Valholl ou Valhalla, o céu do antigo norte. - Glasure, uma árvore sagrada que rodeava os pátios internos do céu, e cujos ramos dourados alcançavam desde o átrio de Sigtur até ao palácio dos deuses (Glitner), que era coberto por escudos dourados. - Fansal, Palácio da Mãe dos Deuses. (Hirschholm, um palácio de campo.) - Gladheim, palácio da alegria, conhecido pelos seus salões dourados. (Friedrichsburg.) - Vingolf, Palácio da Amizade e da Paz. (Friedensburg, [Castelo da Paz], estadia de verão do rei Frederico V) - Alfadur, o Pai Comum, a ideia mais sublime que se tem de um ser bondoso. - Asgaad, a residência dos deuses ou Aesir. - Valaskialf, o palácio desta residência. - Disen, divindades vingadoras que também aparecem sob o nome de Nornen (Parcas) e Valkyriur (Valquírias); os nomes destas últimas, na medida em que atendem aos semideuses em Valhöll, são registrados na canção do segundo canto. - Hiorthrimul, uma Parca associada à morte. - Elfos, espíritos guardiões. - Cetro de Hlidskialf, o Cetro do Trono Supremo.</p>
<p><i>Vidri, der Sohn des Odin</i> <i>Blakullur, eine Wasser-Gottheit.</i> <i>Einherium, Helden, die das Schwert einer Stelle in Valholl würdig gemacht hat.</i> <i>Einherium Ol, das himmlische Getränk dieser Helden.</i></p>	<p>Vidri, filho de Odin Blakullur - uma divindade aquática. Einherium, heróis que a espada tornou dignos de um lugar no Valhala. Einherium Ol, a bebida celestial desses heróis, um tipo de cerveja encorpada¹³.</p>

<p><i>Frö, eine Gottheit, die oft mit K. Frotho verwechselt wird.</i></p> <p><i>Heliars Palast, der Ort, wo die irdischen Hähne krähen. Das Gallicinium war sowohl in Valholl als auf der Erde, eine Aufforderung zum Kampfe.</i></p> <p><i>Geir, ein kurzer Speer.</i></p> <p><i>Endil, ein blutdürstiger Wasser-Gott. Seine Wölfe, die Ungeheur des Meeres.</i></p>	<p>Frö – uma divindade frequentemente confundida com o rei Frotho I, lendário rei danês (dinamarquês).</p> <p><i>Heliars Palast</i>, o palácio de Heliar, local onde os galos terrenos cantam. O galicínio era tanto no Valhala como também na terra um sinal para a luta.</p> <p>Geir – uma lança curta.</p> <p>Endil – um deus dos mares sedento de sangue. Seus lobos são monstros marinhos.</p>
<p><i>Hrymur, ein Riese oder Halb-Gott.</i></p> <p><i>Jormungandur, eine Schlange, welche die Erde umgiebt.</i></p> <p><i>Naglfar, ein Schiff, das beym Untergange der alten Welt zerschmettert wird.</i></p> <p><i>Hlin, eine Göttinn, welche die Freunde der Frigga, Gemalinn des Odin, beschützt.</i></p> <p><i>Zwerge, Bewohner des Himmels.</i></p> <p><i>Zwillings Wolf, Bruder des Jormungandur.</i></p> <p><i>Midgardische Schlange, ein Feindinn der Götter.</i></p>	<p><i>Hrymur, um gigante ou semideus.</i></p> <p>Jormungandur, uma serpente que circunda a Terra.</p> <p>Naglfar, uma embarcação que por ocasião do fim do mundo antigo será despedaçada.</p> <p>Hlin, uma deusa que protege os amigos de Frigga, esposa de Odin.</p> <p>Anões, habitantes do céu.</p> <p>Zwillings Wolf,¹⁴ irmão da Jormungandur.</p> <p>Midgardische Schlange, a serpente de Mitgart, uma inimiga dos deuses.</p>

Análise

O fio narrativo central do poema são as recordações de um escaldo de nome Thorlaugr Himintung, que relembra antigos acontecimentos. As ações em que este escaldo esteve diretamente relacionado em vida se passam na ilha da Zelândia. Mais adiante, voltaremos a esta questão do paradigma poético escaldo descrito pelo poeta alemão, que acreditamos ser um dos principais eixos do poema.

Sintetizando o poema, o escaldo Thorlaugur encontra-se descansando aos pés de um altar pagão, ou seja, um dólmen. Thorlaugur e seu irmão adotivo Halvard foram enterrados em seu próprio túmulo próximo a esse altar, e Thorlaugur é despertado de seu sono de mil anos pelo som de uma canção encantadora. Inicialmente, ele acredita ter chegado a Valhalla, mas logo descobre que está no altar onde ele e Halvard fizeram o juramento de irmandade,

¹³ Sobre o *Einherium Ol* cf. KEYSLER, Johann Georg. *Antiquitates selectae septentrionales et celticae. Hannoverae: Sumtibus Nicolai Foersteri, 1720, p. 53-154.*

¹⁴ *Zwillings Wolf*, no original. Remissão ao lobo Fenris. O termo *Zwilling* pode ser traduzido como “gêmeo” ou em outra possibilidade como “hermafrodita”.

enquanto o canto das valquírias cavalgando ecoa nas proximidades, findando com a chegada do Ragnarøk (entre outras cenas míticas).

As diversas citações de divindades e seres da Mitologia Nórdica no poema, devem ter sido retiradas das listagens¹⁵ da *Edda em Prosa*, de Snorri Sturluson, que já existia em sua época em uma tradução ao latim e ao dinamarquês do Seiscentos,¹⁶ e é claro, na segunda obra de Henri-Paul Mallet, publicada em francês em 1756¹⁷.

Os dois primeiros personagens citados não são seres famosos ou de grande importância: Brag (Bragi), o deus da poesia, e uma norna, descrita por ele como filha de Dval (Dvalinn), um anão (Zimek, 2007, p. 42, 67). No seu glossário, Gerstenberg emprega o termo parca (Parzen), devido à sua influência classicista.

¹⁵ Também denominadas de coleção de versos mnemônicos, lista de sinônimos ou nomes (*Nafnaþulur*). Elas também existem nos poemas éddicos, mas as mais conhecidas são disponíveis na obra de Snorri Sturluson (Simek, 2007, p. 332).

¹⁶ Que foi publicada em Copenhague em 1665: *Edda islandorum an, Chr, 1215 islandice conscripta per Snorronem Sturlæ nunc primum islandice, danice, et latine ex antiquis codicibus in lucem prodit opera P. y. Resenii*, de autoria de Peder Hansen Resen e Thomas Bartholim. Ela pode ser consultada no site: <https://archive.org/details/EddaIslandorum000365732v0SnorReyk/page/n5/mode/2up> (Acesso em 3 de agosto de 2025).

¹⁷ *Monumens de la mythologie et de la poesie des Celtes et particulièrement des anciens Scandinaves: pour servir de supplement et de preuves a l'Introduction a l'histoire de Dannemarc* (Copenhague, 1756), disponível online: https://www.google.com.br/books/edition/Monumens_de_la_mythologie_et_de_la_poesi/Y21XAAAcAAJ?hl=pt-BR&gbpv=0 (Acesso em 3 de agosto de 2025).



Figura 4 e 5: Frontispício do livro; monumento megalítico *Bulcke Holfatia*, encarte ilustrado entre as páginas 8 e 9, ambas de: KEYSSLER, Johann Georg. *Antiquitates selectae septentrionales et Celticae*. Hannoveræ: Nicolai Foersteri, 1720. Fonte: *Google Books*, acesso em 10 de agosto de 2025. Nestas duas imagens do início do Setecentos, podemos perceber como os antigos monumentos megalíticos foram considerados (erroneamente) altares das religiões dos antigos celtas, germanos e nórdicos antigos.



Figura 6: Frontispício da primeira edição do livro *Gedicht eines Skalden*. Acesso via *Google Books*, em 10 de agosto de 2025. A imagem central é a de um dólmen, localizado no cimo de uma pequena elevação, em meio a algumas árvores de um platô. Provavelmente o artista que executou a ilustração recebeu

alguma consultoria de Gerstenberg, pois este dedicou o poema para o seu amigo J. A. Cramer, que havia sido capelão da Universidade de Kiel. Na propriedade de Cramer, situada em Sjælsø (Norte da Zelândia na Dinamarca, ao redor de Sandholmgård), Gerstenberg havia visitado um monumento megalítico, que lhe havia despertado o ‘espírito escáldico’ (Rossel; Paulli, 2025). Em suas cartas, Gerstenberg assinala que o monumento ilustrado na capa de seu poema é o mesmo que estava na propriedade de Cramer, mas segundo estudos recentes, ele não existe mais (Thorvildsen, 1965, p. 12). A maioria dos monumentos megalíticos da ilha da Zelândia são pré-históricos (do período do Neolítico), mas eram interpretados durante o Setecentos como vestígios do passado nórdico, tanto pelos antiquários como pelos artistas, a exemplo do naturalista Søren Pedersen Abildgaard, que executou uma pintura em 1756 de um dólmen em Hømb Mølle, o qual interpretou como sendo um altar pagão (Eriksen; Andersen, 2016, p. 40). Esta mesma linha de interpretação foi seguida por Gerstenberg, que no segundo Canto de *Gedicht eines Skalden*, onde ele acreditava que estas antigas disposições de pedra eram altares sacrificiais, testemunhas de atos sagrados (“Do rústico e escarpado altar, Que era sagrado para vossos pais”). A antiga religiosidade nórdica será posteriormente marcada essencialmente nas artes visuais europeias pela indicação de altares sacrificiais, durante todo o Oitocentos, preservando esta tradição idealizada do Setecentos.

A primeira deidade importante a ser citada é Thor, logo no quinto verso da primeira estrofe. Essa não foi uma escolha fortuita: desde o fim do Medievo, o dito deus sempre foi o preferido da recepção artística, uma tradição que segue até nossos dias. Foi a primeira deidade nórdica a receber uma pintura à óleo sobre tela, ainda no Setecentos: *Thor Battering the Midgard Serpent*, 1790, do suíço Henry Fuseli, exposta atualmente em Londres. A frase de Gerstenberg: “Como o raio de Thor” atesta a principal recepção de Thor no Ocidente desde o Medievo – a sua relação com raios e relâmpagos. Na realidade, nenhuma fonte primária da Mitologia Nórdica (Eddas, sagas ou poemas escáldicos) associa narrativas míticas desta divindade com raios e trovões, tendo vários pesquisadores questionado recentemente essa visão.¹⁸ Provavelmente, a recepção moderna (incluindo os acadêmicos em geral e Gerstenberg no Setecentos) foi influenciada diretamente pela famosa descrição latina de Adão de Bremen, durante o século XI.

A espacialidade é um tema recorrente para o escritor alemão. Ele mescla diferentes tipos de localidades por todo o poema, de cidades históricas (Sigtuna) a míticas (Midgard, Valhala, Glasir, Fensalir, Gladsheim, Vingolf, etc), mas muito mais num tipo de inclusão enciclopédica do que citações que tragam algum tipo de detalhamento ou explicação para o leitor (por isso

¹⁸ Para uma visão sistemática deste questionamento, incluindo o aspecto da fertilidade de Thor (também popularizado por Adão de Bremen), ver a dissertação de Alves, 2019.

a sua inclusão de um glossário final, para que o leitor não se confunda com tantos nomes estranhos ou exóticos).

De modo geral, a inclusão de seres e localidades míticas está bem correta, de um ponto de vista das fontes medievais. Como o autor não detalha cada citação, acaba não se desviando das fontes originais, denotando certo encantamento com a riqueza de nomes provenientes da Mitologia Nórdica, mas sempre com um caráter descritivo. Todavia, alguns desvios ocorreram, ou pelo menos duas inclusões autorais.

Gerstenberg dedica 24 versos para uma deidade que ele inventou: Blakullur¹⁹, possivelmente retirada das narrativas das náiades greco-romanas²⁰. No poema, Blakullur é bela, com longos cabelos, habita os bosques, mas constantemente se banha nos rios e lagos. O poeta deve ter inventado esta divindade justamente porque na Mitologia Nórdica não existe nada equivalente às *nixes* do folclore norte europeu ou às náiades – estas últimas muito representadas na arte europeia desde o Humanismo Renascentista. Na segunda canção, ele quis criar um tema poético sensual que ligasse a sua descrição após o altar sacrificial, dos bosques de carvalhos até à cena do barco mágico, que antecede as valquírias cavalgando.

Uma outra invenção do poeta alemão foi a respeito do deus Njord: “Não assim outrora Njord soltou o teso iceberg usando uma corda: O rochedo, onde ele proferiu o hino”. Não existe nenhuma descrição da mitologia nórdica do Medievo onde este deus esteve associado com icebergs²¹ ou proferindo algum tipo de hino ou canção. Mais uma vez, a criação autoral foi necessária para que a narrativa poética tivesse uma sequência adequada aos intentos do

¹⁹ Nossa pesquisa baseou-se no livro de Simek, 2007 e em buscas de palavras-chave em alemão, dinamarquês e inglês pelo Google. Neste último, todos os resultados de pesquisa referenciaram somente a obra de Gerstenberg. Possivelmente o autor retirou este nome de *Blåkulla*, a ilha mítica do folclore sueco, mas adaptada para seus referências classicistas.

²⁰ As náiades era divindades femininas do mundo aquático, com grande longevidade, mas mortais, e altamente atraentes para os humanos e sátiros. Grimal, 1951, p 307.

²¹ Segundo o historiador Pablo Gomes de Miranda, os icebergs são raramente vistos na Islândia e praticamente não foram mencionados nas sagas islandesas. Não existia um termo original em nórdico antigo que fosse aplicado exclusivamente para iceberg – no islandês, *Jökull* pode ser tanto um bloco de gelo quanto glaciares e montanhas. Nas línguas modernas, o termo em inglês e alemão provem da popularização do holandês *ijsberg*. O conceito e primeira explicação científica de iceberg foi formulado em 1760 pelo russo Mikhail Lomonosov (Bayer, 2006). Desta maneira, consideramos que a ligação entre o deus Njord e o iceberg foi uma invenção moderna de Gerstenberg.

poeta - antes deste trecho, o autor utilizou a frase: “Onde repousa meu espírito flutuante sobre as arejadas alturas?”. Ele não havia encontrado nenhuma narrativa, cena ou objeto nas fontes mitológicas que pudessem ser convenientes com a metáfora de ‘flutuante’. Na mentalidade moderna, o iceberg é uma massa de gelo que flutua no oceano.

Mas nem somente a invenções o poeta recorre. Também existem as ressignificações. Um recurso narrativo e literário profundamente citado nas Eddas e algumas vezes nas sagas islandesas é a recorrência ao número 3 (e seu múltiplo por três, o nove). Ele tanto pode ser ecos de um simbolismo religioso pré-cristão associado ao culto de Odin, quanto um *topos* literário. No segundo canto, no verso em que cita a ‘parca’ Hjørthrimul²², ocorre a descrição de uma voz celestial que canta: “Abençoado! Abençoado! Três vezes abençoado!” e logo depois: “Abençoado! Abençoado! Abençoado!”. Também no terceiro canto ele repete esta fórmula: “brandi minha espada três vezes”. O poeta certamente utilizou um simbolismo numérico original das fontes nórdicas, mas agora reforçando uma influência bem definida da tradição linguística alemã, visto que o verbo *beglückt*²³ (abençoado), tem raízes medievais. Mas não podemos esquecer que desde o processo de cristianização no Medievo até a audiência literária de grande parte da Europa durante o Setecentos, ocorre uma ressignificação do simbolismo triplo nórdico pela doutrina cristã da trindade.

Logo em seguida, Gerstenberg recorre ao tema que irá se tornar após o século XIX a principal recepção alemã da Mitologia Nórdica: as valquírias.²⁴

O poeta cita o nome de 13 valquírias, certamente advindas do poema éddico *Grímnismál*. A principal idealização destas personagens é retirada diretamente das fontes medievais e

²² Uma valquíria citada no poema éddico *Darraðarljóð*, incluído no capítulo 57 da *Brennu-njáls saga*, que foi traduzido em língua portuguesa pela segunda vez em 2015: Venâncio, 2015, p. 91-94. Aqui o poeta alemão obviamente cometeu um equívoco.

²³ *Beglücken* (encantar, fazer feliz) tem raízes no alto-alemão médio *g(e)lücke* e é atestado pela primeira vez na antiga poesia cortesã (1160) e espalhou-se pelo Reno pela área de língua alemã com a cultura cortesã-cavaleiresca (*Der deutsche Wortschatz*, s.d.).

²⁴ As valquírias são originalmente demônios da morte, que aos poucos se tornam elementos psicopompos e sobrenaturais idealizados pela literatura nórdica medieval, que transportam os guerreiros mortos em batalha para o salão aristocrático de Odin, o Valhalla (Simek, 1997, p. 349). A recepção alemã deste mito vai ser precoce, em termos iconográficos logo no início do Oitocentos, mas vai ser popularizada ao extremo com as óperas wagnerianas após os anos 1870.

também vai ser totalmente congruente com a recepção alemã e do imaginário da maioria das pessoas até hoje: elas são guerreiras que transportam os mortos em batalha para o salão do deus Odin, seja para a glória de se transformar em um eleito do deus caolho (O corpo que se tornou Einherium! (...)“Então jubilaram-se as Valquírias!”), até a comemoração festiva já no salão dos heróis (“A cerveja dos heróis”). Contudo, um elemento é errôneo (ou desviante): as valquírias como propiciadoras do destino das pessoas: “Fiemos, fiemos, o fio de Thorlaug e Halvard!”. Os seres envolvidos com esta função nas fontes antigas geralmente são as nornas, as quais, segundo algumas descrições, teceriam o destino de cada pessoa com fios, no momento de seu nascimento (a exemplo do herói Helgi). O poeta alemão aqui confundiu o conceito de valquíria com as nornas (que ele chama de parcas). Como havíamos mencionado antes, ele cita a valquíria Hjörþrimul como sendo uma parca – mas no poema éddico *Darraðarljóð* ela (e outras valquírias) estão tecendo as tramas de um tear com entranhas de mortos já caídos em batalha – aqui o poema medieval não se refere a um futuro predestinado (como fiar o destino no momento do nascimento de algum personagem), mas sim simboliza a metáfora da vitória, da guerra e da união guerreira com o deus dos corvos.

O terceiro canto é a descrição alegórica e poética dos feitos de Halvard, seja navegando pela Britânia até a sua posse de uma harpa de ouro, um adorno em que demonstraria a sua enorme sagacidade e competência, que prossegue com o quarto canto, sem maiores descrições da mitologia, somente alusões poéticas. Harpas de ouro não foram citadas nas narrativas nórdicas do Medievo, mas referências são encontradas nos instrumentos musicais de Apolo e Orfeu – demonstrando mais uma influência classicista em Gerstenberg.

No quinto canto, o último, o escritor alemão concentra-se na descrição do Ragnarøk. Ele inicia citando o fim das divindades (“Eles caíram, os deuses, caíram!”), a saída dos monstros de sua prisão (a serpente do mundo, o grande lobo, os mortos do submundo, a vinda dos gigantes) e o confronto com os deuses em batalha com estas entidades (numa bela frase: “As ruínas do céu são um campo de armas!”). Os últimos versos também foram bem inspirados: “E estes céus, sua tenda! Meu espírito fraco, curvado no pó, Não compreende suas maravilhas e cala-se”).



O poema de Gerstenberg não chegou a marcar de forma profunda a recepção artística no Ocidente. Hoje ele não é quase conhecido pela maioria dos escandinavistas, pelos entusiastas da Mitologia Nórdica ou sequer pelos estudiosos da literatura alemã. *Talvez a sua mais importante influência artística tenha sido a imagem de um poeta, cercado por monumentos megalíticos, cantando ou criando poemas envolvendo os mitos nórdicos* – que vai ser ressignificada pelo romantismo europeu, mas agora principalmente pela via de um ideal melancólico, pelo qual o poeta é o último representante de uma geração perdida ou esquecida, retomado gloriosamente pelo pintor ou escritor: *Den sist Skalden* (poema, “O último escaldo”, Erik Gustaf Geijer, 1811); *Den sidste skjald* (pintura, “O último escaldo”, Johan Ludvig Lund, 1837); *Nordisk offerscene fra den Odinske periode* (pintura, “Cena sacrificial nórdica do período odínico”, Johan Ludvig Lund, 1831); *St Sigfrid döper allmoge i Småland* (pintura, “São Sigfrido batiza o povo em Småland”, Johan Blackstadius, 1866).

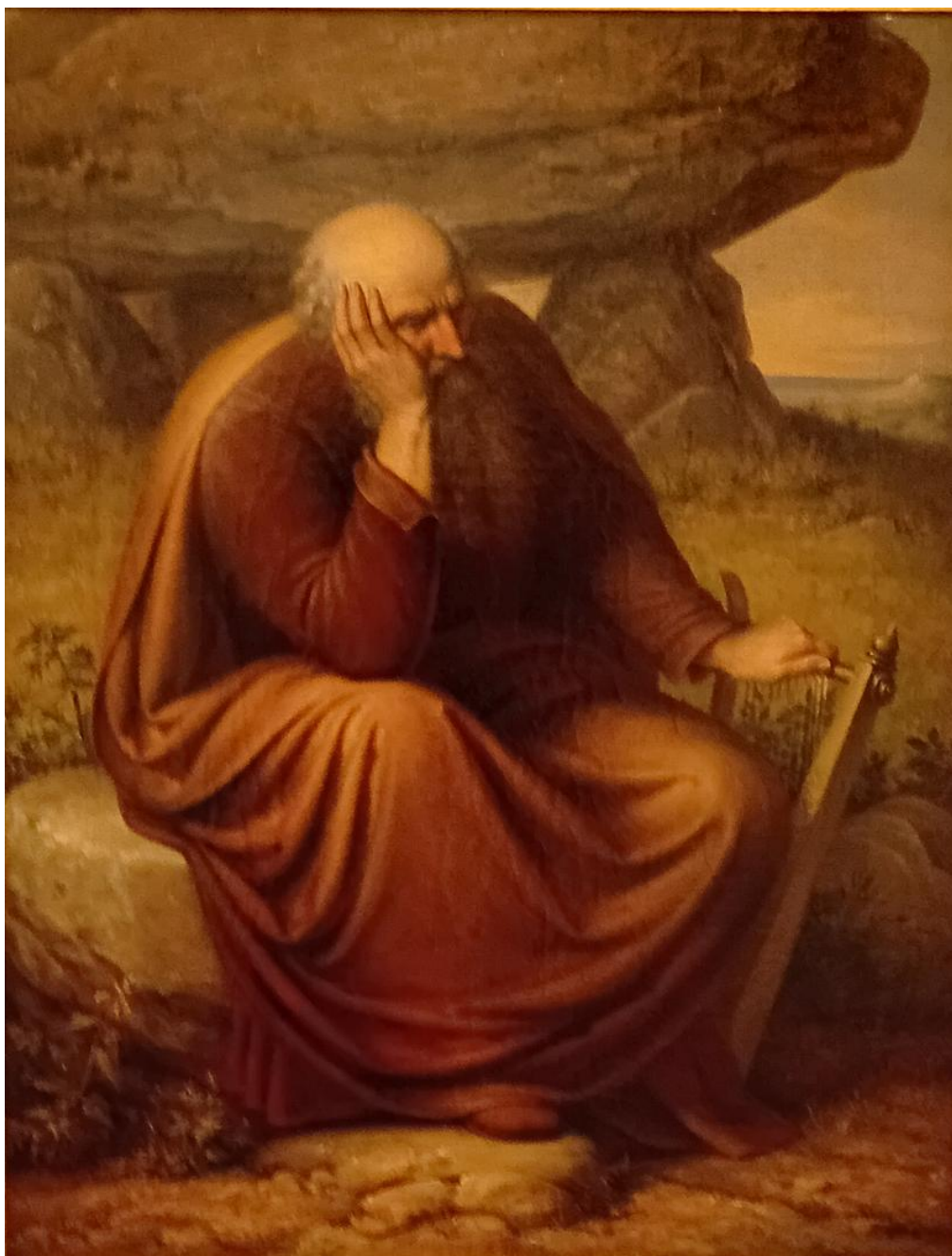


Figura 7: Johan Ludvig Lund, *Den sidste skjald* (O último escaldo), 1837. Óleo sobre tela, 97 x 76 cm, Statens Museum for Kunst (KMS309), fotografia de Johnni Langer (2025). Lund (1777-1867) foi o mais importante artista danês-alemão do Oitocentos que se envolveu com temas da Mitologia Nórdica. Na pintura, o poeta está diante de um dólmen (muito semelhante ao ilustrado no poema de Gerstenberg), em uma posição de desolação e tristeza, apenas segurando a harpa e não mais tocando. No início, o poeta identificava-se com as glórias ainda vivas de seu povo, mas agora ele é apenas o último representante de uma cultura que está morrendo, algo muito apreciado pela estética romântica. Ao fundo da extrema direita de "Den sidste skjald", há uma cruz na colina à beira-mar, quase imperceptível aos olhos do observador. Isso contribui para a atmosfera melancólica da pintura, pois anuncia os novos

tempos (a chegada do cristianismo). Aqui Lund realiza um louvor ao passado nórdico, uma verdadeira elegia a uma "era de ouro" - a Era Viking - uma época pagã, porém honrosa, festiva e heroica - que é lamentada por seu fim, mas que pode retornar, pelo menos simbolicamente. A figura do escaldo é o principal meio para esse retorno simbólico.

A obra de Gerstenberg e de outros poetas e artistas necessita de maiores estudos e publicações, visando não apenas entender como foi a recepção dos temas nórdicos no Setecentos, mas para que se possa compreender os referenciais, idealizações, motivações, estereótipos e usos das imagens míticas de nosso próprio tempo. Os mitos nórdicos nunca deixaram de fascinar, por certo, continuando presentes em nossas vidas.

Referências Bibliográficas:

ALVES, Victor Hugo Sampaio. *Diferentes sons do trovão: uma perspectiva comparativa entre os deuses Thor, Ukko e Horagalles*. Dissertação de Mestrado em Ciências das Religiões pela UFPB, 2019.

ANDERSEN, Lise Præstgaard. Ewald's and Oehlenschläger's Poetry inspired by old Norse Myth. In: ROSS, Margaret Clunies (Org.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout: Brepols Publishers, 2018, pp. 316-331.

BAYER, Johanna. Die weißen Riesen - Eisberge. *Quarks & Co/WDR*, 2006.
<https://web.archive.org/web/20090101102524>

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro. Alfredo. O início da Escandinavística em língua alemã: An die Nordische Dichtkunst (À poesia nórdica), de Friedrich David Grater (1789). *Scandia Journal of Medieval Norse Studies* n. 3, 2020, pp. 701-709 (Dossiê Traduções: Vikings e Mitos nórdicos na recepção literária ocidental).

DAMIENS, Margot. 'Reconciling' Ancient Paganism and Modern Protestantism: On the Scholarly Reception of Old Norse Mythology in the German Romantic Period. In:

- MEYLAN, Nicolas; ROSLI, Lukas. *Old Norse Myths as Political Ideologies: Critical Studies in the Appropriation of Medieval Narratives*. Brepols, 2020, pp. 49-66.
- Der deutsche Wortschatz von 1600 bis heute. Beglücken, DWDS – *Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache*, s.d.
- ERIKSEN, Palle; ANDERSEN, Niels H. *Dolmens in Denmark: architecture and function*. Aarhus: Aarhus University Press, 2016.
- GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de La Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1951.
- KEYSSLER, Johann Georg. *Antiquitates selectae septentrionales et Celticae*. Hannoveræ: Nicolai Foersteri, 1720.
- KOEFOED, Nina Javette; JENSEN, Mette Frisk. Absolute monarchy, 1660-1814. In: HILSON, Mary et al (Eds.). *A history of Denmark from the Viking Age to the 21s Century*. Aarhus: Aarhus University Press, 2023.
- LANGER, Johnni. A alma danesa: uma análise do filme 'O bastardo'. *Blog do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos*, 7 de setembro de 2024. <https://neve2012.blogspot.com/2024/09/a-alma-danesa-uma-analise-do-filme-o.html>
Acesso em 28 de julho de 2025.
- LANGER, Johnni. As origens da Arqueologia Clássica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, USP, São Paulo n. 9, 1999, pp. 95-1010.
- LEERSEN, Joep. Gods, Heroes, and Mythologists: Romantic Scholars and the Pagan Roots of Europe's Nations. *History of Humanities* 1(1), pp. 71-100.
- LIAMIN, Sergej. Images and Imageries of Norse Mythology in German Sentimentalism and Romanticism: From Herder to Heine. In: ROSS, Margaret Clunies (Org.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout: Brepols Publishers, 2018, pp. 317-330.

- MJÖBERG, Joran. "Romanticism and revival", in: *The Northern World: The History and heritage of Northern World*, ed. David Wilson. New York: Harry Abrams, 1980, pp. 207-238.
- POSSELT, Gert. P.-H. Mallet. *Danmarks Nationalleksikon/Den Store Danske*, 17. november 2020.
https://lex.dk/P.-H._Mallet
- REILING, Jesko. *Volkspoesie versus Kunstpoesie: Wirkungsgeschichte einer Denkfigur im literarischen 19. Jahrhundert*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter GmbH, 2019.
- ROSS, Margaret Clunies. Introduction to volume I. In: ROSS, Margaret Clunies (Org.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout: Brepols Publishers, 2018, pp. xxii-xxiii.
- ROSS, Margaret Clunies. The New aesthetics and the Concept of the sublime. In: ROSS, Margaret Clunies (Org.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout: Brepols Publishers, 2018, pp. 267-273.
- ROSS, Margaret Clunies. & LONNROTH, Lars. Norse Muse: Report from an International Research Project, *Alvíssmál* 9, 1999, pp. 3-28.
- ROSSEL, Sven; PAULLI, R. H.W. Gerstenberg. i *Dansk Biografisk Leksikon* på lex.dk. Hentet 23. juni 2025 fra: https://biografiskleksikon.lex.dk/H.W._Gerstenberg
- SIMEK, Rudolf. *Dictionary of Northern Mythology*. London: D. S. Brewer, 2007.
- THORVILDSSEN, Elise. Dyssen ved Dæmpegarden i tokkekb hegn. *Kultur og Folkeminder XVII*, 1965, pp. 3-13.
- VENÂNCIO, Yuri Fabri. Canção das lanças. In: LANGER, Johnni (Org.). *Dicionário de Mitologia Nórdica*. São Paulo: Hedra, 2015, pp. 91-94.
- ZERNACK, Julia; SCHULZ, Katja (Org.). *Gylfis Täuschung. Rezeptionsgeschichtliches Lexikon zur nordischen Mythologie und Heldensage*. Heidelberg: Universitätsverlag Winter, 2019.



ZERNACK, Julia. A Key Work for the Reception History of Norse Mythology and Poetry: Paul Henri Mallet's History of the Danish Empire and its European Impact. In: ROSS, Margaret Clunies (Org.). *The Pre-Christian Religions of the North: Research and Reception, Volume I: From the Middle Ages to c. 1830*. Turnhout: Brepols Publishers, 2018, pp. 281-316.

ZERNACK, Julia. Old Norse-Icelandic Literature and German Culture. In: ÍSLEIFSSON, Sumarlið (Org.). *Iceland and Images of the North*. Québec: Presses de L'Université, 2011, pp. 157-186.